

Começa hoje a nova pregação de Maílson

O ministro da Fazenda, Maílson da Nóbrega, inicia hoje uma série de reuniões com lideranças empresariais com uma má notícia: as últimas projeções sobre o Índice de Preços ao Consumidor (IPC) mostram que dificilmente a inflação de outubro será inferior a 40%.

Segundo fontes do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), os preços de tarifas públicas, materiais de higiene e limpeza e de alimentos industrializados serão os principais responsáveis pela nova alta do índice. Os três grupos tiveram fortes reajustes na segunda quinzena de setembro e refletirão no IPC de outubro, cuja coleta de preços termina dia 15.

O ministro levará às reuniões um apelo patriótico para convencer os empresários de que não vale a pena apostar no pior. Nas últimas duas semanas, técnicos do Ministério da Fazenda constataram reajustes de até 40% em 15 dias. "Está havendo uma especulação generalizada", avalia um assessor direto de Maílson. Segundo ele, esse clima foi motivado pelos erros na fixação das taxas do over, de dez dias para cá. Existe o temor de que o único instrumento de política econômica à disposição do governo — a elevação da taxa do over — não tenha mais fôlego para segurar os preços dos ativos reais, como ouro e dólar.

Técnicos do governo vêem com pessimismo as novas tentativas do ministro para debelar a explosão da inflação através de um acordo informal com os empresários. "A inflação é formada hoje pelos juros do over, os preços públicos e os salários", observa um

assessor da Secretaria do Planejamento. O governo deve aumentar o espaço entre os reajustes dos preços e tarifas públicas, mas essa tática pode provocar mais tumulto no mercado. Seria uma clara sinalização de perda do controle do déficit e causaria uma prevenção para um futuro choque tarifário.

Salários e eleição

Os reajustes dos salários, este mês, também preocupam o governo. O salário mínimo terá um aumento de 12,55% além do IPC de 35,9%. Pior, se for mantido o pagamento de 152% aos funcionários do Banco do Brasil. Nesse caso, todas as empresas e bancos estatais entrarão também na Justiça pela reposição da inflação de janeiro. O Conselho Interministerial de Salários das Estatais (Cise) já está sofrendo pressão das estatais.

Em julho, quando Maílson da Nóbrega iniciou as reuniões com os empresários, previa-se um "setembro negro". O caos acabou sendo transferido para outubro. "Em julho, o governo segurou os preços públicos e a sucessão presidencial estava calma com Collor de Mello firme na frente", argumenta uma fonte. Por esta expectativa, a tendência é o mercado continuar agitado até as eleições de novembro.

As reuniões de hoje à tarde, no Ministério da Fazenda, começam com os fabricantes de material de limpeza e higiene e terá, frente a frente, fabricantes, atacadistas e donos de supermercados. Depois será a vez dos representantes do setor de alimentação e das indústrias de eletrodomésticos.

